

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR LITORAL**

**DEIZE LUCI GODARTH ALVES**

**REPETÊNCIA E FRACASSO ESCOLAR: análises de escolas públicas nos anos  
iniciais, em Pontal do Paraná/PR**

**MATINHOS  
2012**

DEIZE LUCI GODARTH ALVES

**REPETÊNCIA E FRACASSO ESCOLAR: análises de escolas públicas nos anos  
iniciais, em Pontal do Paraná/PR**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao  
Curso de Especialização em Serviço Social: A  
questão social na perspectiva interdisciplinar,  
Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Lucia Maria Gonçalves de  
Resende

MATINHOS

201

DEIZE LUCI GODARTH ALVES

**REPETÊNCIA E FRACASSO ESCOLAR: análises de escolas públicas nos anos  
iniciais, em Pontal do Paraná/PR**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao  
Curso de Especialização em Serviço Social: A  
questão social na perspectiva interdisciplinar,  
Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

\_\_\_\_\_ / \_ / \_

\_\_\_\_\_ / \_ / \_

\_\_\_\_\_ / \_ / \_

MATINHOS

2012

**RESUMO:**

Este trabalho de pesquisa tem por objetivo verificar e buscar possíveis soluções para um dos problemas escolares enfrentados pelos profissionais que atuam na área da educação: a repetência, que leva ao fracasso escolar. É relevante que novas maneiras de ensinar sejam utilizadas pelos educadores para que os alunos tenham e demonstrem interesse no que está sendo ensinado em sala de aula. Vários estudos neste sentido são realizados, porém esbarra-se sempre em uma problemática que muitas vezes fogem as normas escolares, visto que, existe todo um contexto social, no qual a escola não consegue resolver sozinha.

**PALAVRAS CHAVES:** fracasso escolar, repetência, relação escola sociedade.

**ABSTRACT:**

This paper is aimed at verifying and searching possible solutions to solve difficulties faced by professionals who acts in the education area : the repetition and failure at school. New manners of teaching should definitely be applied for teachers , this way the students might feel more willing to learning . There are many studies about this issue, but the problems are beyond the school rules , there is a social context that cannot be solved only by the school.

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| Introdução.....                                     | 6  |
| 1- O fracasso escolar em diferentes abordagens..... | 7  |
| 2 – A reprovação em Pontal do Paraná.....           | 14 |
| Considerações Finais.....                           | 13 |
| Referências.....                                    | 20 |

## INTRODUÇÃO

A abordagem desse tema se deu pela minha experiência como professora da rede pública municipal de Pontal do Paraná, e pela angústia que sentia ao perceber que uma criança poderia ter que repetir o ano que cursou. Essa preocupação se dá em diferentes partes do mundo, tanto na escola pública quanto na privada. Nesse trabalho nos deteremos somente na escola pública ficando os estudos das escolas privadas para pesquisas futuras.

Buscaremos apoio teórico, para compreender a cerca do assunto, e poder auxiliar não somente aos alunos assim como também os educadores. Acredito que quanto mais informações teóricas o educador obtiver, melhor será o seu desempenho pedagógico.

A expressão “fracasso” é explicada, no dicionário, como desperdiçar; falhar desastre; ruína; perda; mau êxito, malogro. Então o fracasso escolar seria o insucesso na escola, entendido assim por muitos. A expressão é considerada no sentido mais amplo, como aprovação com baixo índice de aprendizagem.

Patto (1990), citada na página do Ministério da Educação, ao abordar as teorias que buscam explicar o fracasso escolar, destaca que estas análises, quase sempre, associam esse processo aos alunos. Buscando compreender a temática a partir dos seus anexos constitutivos, a autora é enfática ao ratificar a complexidade do fracasso escolar. Destaca que, na medida em que esse fracasso envolve as dimensões políticas, históricas, sócio-econômicas, ideológicas e institucionais, bem como dimensões pedagógicas em estreita articulação com as concepções que caracterizam os processos e as dinâmicas em que se efetivam as práticas escolares, tornam seu estudo mais complexo.

Nessa perspectiva, a busca da superação do fracasso escolar se articula a processos mais amplos do que a dinâmica intra-escolar, sem negligenciar, nesse percurso, a real importância do papel da escola nos processos de desenvolvimento e aprendizagem dos estudantes. Isto quer dizer que existe um conjunto de variáveis, intra e extra-escolares, que intervêm no processo de produção do fracasso escolar. As variáveis vão desde as condições econômicas (desigualdades sociais, concentração de rendas, a cultura dos alunos e seu (des)compasso com a lógica de

organização, cultura e gestão da escola (perspectiva institucional) até as dinâmicas e práticas pedagógicas utilizadas, em que se estruturam os processos ensino-aprendizagem propriamente ditos, cujo balizamento encontra forte expressão na relação professor e aluno.

É fundamental não perder de vista que o processo ensino-aprendizagem é mediado pelo contexto sociocultural, pelas condições em que se efetivam a aprendizagem e o desenvolvimento, pelos processos organizacionais e, conseqüentemente, pela dinâmica em que se constrói o projeto político-pedagógico.

Procurou-se nesse trabalho, pesquisar diferentes abordagens sobre o tema, assim como um levantamento das taxas de reprovação e evasão escolar no município de Pontal do Paraná.

## **1. O FRACASSO ESCOLAR EM DIFERENTES ABORDAGENS**

Segundo FREIRE (2003), a educação como processo de construção coletiva, impõe-se como necessária para o desenvolvimento humano, pois os homens são seres incompletos, inconclusos, inacabados e por isso precisam uns dos outros. O ser humano está em evolução, em processo de descobrir novos caminhos, e, por essa razão precisa identificar e desenvolver suas potencialidades.

Dentro de um conceito escolar, que mais interessa ao professor, há que pelo menos se fazer uma importante distinção entre aprendizagem mecânica, que exercita a memória de curta duração, e que, portanto, permanece com o ser humano por um período de tempo menor, e a aprendizagem significativa, esta mais duradoura.

Porém, o professor também pode ser fonte de insucesso nos estudos de seus alunos, sendo as principais causas o despreparo em relação ao conteúdo e a didática, falta de condições pessoais para o magistério, mau relacionamento com seus alunos, criando tensão entre os mesmos, timidez excessiva, não exigência de esforços, falta de planejamento, intolerância, incapacidade de manter a disciplina, falta de motivação, entre outros fatores.

Outra vilã nesse processo pode ser a escola que possui instalações e condições disciplinares deficientes, falta de limpeza e organização, má gestão, crescimento exagerado nas matrículas, aumentando o número de alunos por turma, projeto político pedagógico apenas burocraticamente organizado, ausências do gestor, falta de professores e demais funcionários, etc.

Não podemos também deixar de citar a família como fonte de desajustes nos estudos escolares, como a falta de estímulos por parte dos pais, falta de amparo nos momentos de dificuldade, abandono moral, excesso de ocupações, falta de condições materiais, instabilidade emocional, falta de autoridade, lar desorganizado, separação, drogas, alcoolismo, etc.

A realidade do cotidiano da escola e suas relações com o processo ensino-aprendizagem e com o fracasso escolar é muito complexa. Combater o fracasso escolar tem sido uma preocupação constante na educação, mas a realidade resiste. Segundo Perrenoud (2001, p.15) “temos que enfrentar a complexidade dos processos mentais e sociais, a ambivalência ou a incoerência dos atores e das instituições, as flutuações da vontade política, a renovação dos currículos e das didáticas, as rupturas teóricas e ideológicas ao longo das décadas”.

Várias foram as abordagens das pesquisas que historicamente têm explicado o fenômeno do fracasso escolar, como esta da Mesa-redonda nº 70 –

**Eixo temático 2** - Didática, Currículo e Processos de Escolarização UFRGS. Dorneles (1997, p. 256) apresenta quatro abordagens utilizadas para explicar os processos seletivos que ocorrem dentro da escola:

1) Abordagem psicologicista - explica o fracasso escolar pela existência de diferenças individuais na capacidade de aprendizagem das crianças: as crianças que não aprendem são consideradas como portadoras de distúrbios mentais, sensoriais ou neurológicos, que originam dificuldades lingüísticas, motoras ou afetivas.

2) Abordagem biologicista - essa abordagem tem como pressuposto as disfunções biológicas e a desnutrição como responsáveis pela não-aprendizagem dos alunos.

As duas abordagens citadas apontam que as dificuldades estão no aluno, que por alguma característica individual (orgânica ou psicológica) não consegue

aprender ou se adaptar. Essas abordagens, interpretadas unilateralmente, dão origem a idéias equivocadas sobre homogeneidade na aprendizagem, testagem, categorização, classificação dos alunos, encaminhamentos e exclusões diversas.

3) Abordagem Culturalista - essa abordagem *supõe* as crianças com dificuldades como produto de um ambiente cultural desfavorecido, pobre em estímulos e vivências. Parte da constatação de que a maior parte das crianças que fracassam são oriundas da classe popular. Essa abordagem pode dar origem a estudos valorativos e comparativos, segundo os quais há uma cultura dominante (universal) e culturas inferiores (cultura popular). Traz a idéia de educação compensatória pela “carência cultural”. Torna possível, a crença de que crianças de meios desfavorecidos têm dificuldades para aprender.

4) Abordagem Antropológica - essa abordagem entende o fracasso não como produto da família ou da escola isoladamente, mas de fatores externos que atingem a ambos. Analisa as relações de classe social que regulam os processos internos da família e da escola e as relações entre esses grupos sociais. Analisa o micro em suas relações com o macro (social). Permite, dessa forma, tecer uma rede de significados para o fracasso escolar.

Diante destas abordagens sobre o tema, podemos perceber o quanto ele é complexo. Identificar as características individuais, psicológicas ou biológicas que interferem no rendimento escolar é importante, mas não para justificar o fracasso ou excluir o aluno do processo, e sim para contribuir com a escola e a família no sentido de sua superação. Obviamente existem patologias de aprendizagem, mas pelos índices de fracasso escolar que ainda temos no Brasil, seria incoerente acreditarmos que todas as crianças por ele atingidas são portadoras de tais patologias. Outro risco que corremos é o de pensar que uma criança de classe popular, somente pela sua origem, está predestinada ao fracasso na escola, ou de ficarmos apenas na análise ideológica do problema, sem considerarmos a individualidade e singularidade de cada sujeito no processo de construção de sua aprendizagem.

De acordo com Bossa (2002 p.20) citada no Portal dos Psicólogos:

A produção de saberes sobre a criança, bem como o controle disciplinar ao qual foi submetida, trouxeram como consequência um mecanismo de exclusão. As crianças que não conseguiram adaptar-se às regras estabelecidas e a atender a

um ideal de obediência, de disciplina, de eficiência e de racionalidade passaram a ser vistas como fora da norma, isto é, de anormais.

Quando uma criança apresenta dificuldade na aprendizagem, não quer dizer que tenha algum distúrbio ou que seja “anormal”. As pessoas são desiguais na sua capacidade de aprender, porque não existe uma única forma de aprender. O ser humano nasce capacitado para aprender, mas a influência do meio ambiente, e não só pelo meio, e sim por fatores de natureza física e de ordem social, são extremamente significativos. E é muito importante que o professor seja um conhecedor dessas formas de aprendizagem.

Quando esta inicia suas atividades na escola, a primeira tarefa é aprender a ler e escrever, sendo a alfabetização o centro das expectativas de pais e professores. Os pais e a própria criança não têm razão para duvidarem do sucesso nessa nova aprendizagem. No entanto, o que muitas vezes não consideram, é que a leitura e a escrita são habilidades que exigem da criança a atenção para aspectos da linguagem aos quais ela não precisa dar importância, até o momento em que começa aprender a ler e escrever.

Segundo Torres (1999), a criança é sobrecarregada com tanta violência que acham que não vão aprender, algumas se tornam copistas, muitas vezes sem saber o que estão copiando, outras simplesmente se recusam a copiar, surgindo assim a indisciplina. Afirma o autor que o fracasso escolar na leitura constitui uma das principais causas de repetência ou fracasso escolar.

A reprovação e a evasão escolar são: uns fracassos produzidos no dia-a-dia, da vida na escola e na produção desse fracasso estão envolvidos aspectos estruturais e funcionais do sistema educacional, concepções de ensino e de trabalho e preconceitos estereotipados sobre a sua clientela pobre. Estes preconceitos, no entanto, longe de serem umas características apenas dos educadores que se encontram nas escolas, estão disseminados na leitura educacional há muitas décadas, enquanto discurso ideológico, ao se pretender neutro e objetivo, participa de forma decisiva na produção das dificuldades de escolarização das crianças das classes populares (PATTO, 1987, P.59).

A escola precisa estar atenta para os diferenciais de cada indivíduo, buscando soluções e fazendo cumprir a Constituição Brasileira, que garante “educação como direito de todos”.

A construção do Projeto Político Pedagógico (PPP) pressupõe atentar para a realidade e a necessidade da comunidade escolar, estabelecendo prioridades de trabalho junto aos alunos com baixa aprendizagem, e buscar formas para que os mesmos não evadam da escola.

O PPP que viabiliza o diálogo consistente entre todos, inclusive com a comunidade. De acordo com Vasconcelos (2004, p.15) “o projeto Político Pedagógico entra justamente, (re) construído e utilizado por aqueles que desejam efetivamente a mudança”.

[...] pôr em ação, de forma integrada e articulada, todos os elementos do processo organizado, envolvendo atividades de mobilização, liderança, motivação, comunicação, coordenação. A coordenação é um aspecto da direção, significando a articulação e a convergência do esforço de cada integrante de um grupo visando a atingir os objetivos. Quem coordena tem a responsabilidade de integrar, reunir esforços, liberar, concatenar o trabalho de diversas pessoas (LIBÂNEO, 2004, P.215).

O principal responsável pela escola deve ter uma visão do coletivo e fazer o elo entre o setor administrativo, pedagógico, secretaria, serviços gerais e relacionamentos com a comunidade, etc. Somente com estruturas fortalecidas, as escolas poderão consolidar princípios, métodos, práticas e relações de gestão democráticas.

Em pesquisa recentemente publicada, no seu Blog Deisi Crepaldi em 3 de janeiro de 2012, salienta: antes de se trabalhar qualquer dificuldade de aprendizagem do aluno, deve-se fazer uma reflexão sobre sua vida, dúvidas, conflitos e incertezas, envolver-se com sua história, acreditar que ele é capaz, que possui dons e habilidades específicas e que pode superar suas dificuldades, fazendo com que este aluno entenda o mundo em que vive e o lugar que nele ocupa.

A relação pedagógica, o olhar do professor dentro da sala, a forma como se relaciona com o aluno, a atenção e o carinho dispensados ao aluno fazem diferença no aprendizado. Estudos comprovam que quando o professor se envolve com o cotidiano do aluno este se sente amparado e tende a melhorar.

De fato, na prática, esse olhar de investimento foi verificado nas observações dentro da escola em relação ao aluno. A partir do momento em que se pode olhar para essa realidade, dentro da vertente em que a criança foi educada percebe-se que ela é cheia de marcas, de pensamentos e comportamentos estereotipados, e normalmente a criança se comporta como os outros lhe ensinaram a se comportar, o que reflete no seu desempenho escolar. Não há uma escolha da criança.

Deve-se estar sempre atento a real condição do educador e do educando. O professor, como representante do papel que lhe é socialmente atribuído, ou seja, ensinar é se deparar com vários dilemas que se misturam com o papel da profissão que ocupa. Os professores assumem, além de ensinar, a disciplina e em tornar uniforme o que é diferente produzindo assim, via educação, os privilégios e os sofrimentos.

Sempre que a escola falha na assistência e na formação do aluno quebra-se um elo no ritmo natural de um desenvolvimento potencial de conquistas, estabelecendo-se a desordem. Desordem que pode levar a vida do aluno ao caos e que se reflete na desestruturação da sociedade. Sempre que a escola desvirtua seu papel primordial, desencadeia-se um mecanismo automático de ressonância, que passa a repercutir na ordem social de uma cidade, de um país, do mundo.

O que se deve considerar é que o aluno, assim como o professor, não deixa de “ser humano” para aprender ou ensinar, ou seja, possui valores, dilemas e conhecimentos que lhe são característicos. Entra em questão a vida cotidiana desses professores, pois somente conseguindo fazer suspensão desse cotidiano, consegue-se a produtividade, ou seja, ao retornar à vida cotidiana modificar esse mesmo cotidiano. Mas como suspender esse cotidiano?

Segundo Heller (2002), estabelecendo condições de compreensão da noção de cotidiano, apontando para uma perspectiva histórica que permita o seu emprego, metodologicamente, na investigação dos significados que as representações sociais

fazem surgir das relações entre os seres humanos. Identificar o cotidiano compondo-o de traços que nos permitisse em situações da vida humana, trás a possibilidade de interpretação histórica.

O fracasso escolar ocorre precocemente com as crianças brasileiras (Mello 1996). Logo no início da vida escolar cerca de 30% do total de alunos no Ensino Fundamental é constituído por repetentes fazendo com que cada vez mais aumente o número de turmas e conseqüentemente o número de alunos por turma. Sabe-se que o fato do professor ser obrigado a trabalhar com turmas de 40 a 50 alunos, impede que seu trabalho tenha bons resultados.

Como priorizar um atendimento diferenciado àquele aluno com maiores dificuldades, sem perder o controle disciplinar dos outros alunos? De que forma o professor vai avaliar os problemas de cada um dos seus alunos? Que tempo ele disponibiliza para isto? E como a escola contribui para que o professor possa desenvolver seu trabalho com humanidade? Conforme Dorneles(1990, p. 251),

[...] à medida que começamos a estudar mais profundamente o fracasso escolar, percebemos que, no Brasil, esse problema adquire características de fenômeno de massa, ou seja, atinge a maior parte da população em idade escolar.

Dados do Relatório de Monitoramento da Educação para Todos, lançado em 2010 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), mostram que a taxa de reprovação no Ensino Fundamental é de 18,7%. O número é espantoso. Uma em cada cinco crianças retorna à estaca zero no ano seguinte. Isso dá perto de 7 milhões de crianças e jovens. Não há nada parecido no planeta (média de 2,9% de reprovação). O custo desse fato é de 10 bilhões de reais por ano, sem falar nos prejuízos para os alunos e para as escolas.

A verdade é que a reprovação traz prejuízos para todos os envolvidos: além dos gastos já mencionados, aumenta o número de estudantes por sala, os alunos menores são obrigados a conviver com colegas mais velhos e os repetentes perdem estímulo e auto estima.(Revista Nova Escola, Edição 233, Junho/Julho 2010).

Sabe-se que muitos municípios estão enfrentando os mesmos problemas, ou seja, não conseguem achar soluções para os altos índices de reprovação e conseqüentemente o fracasso dos alunos em relação ao aprendizado. Procurei nos dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.) para coletar informações sobre o desempenho escolar dos alunos do município de Pontal do Paraná, pois trabalho e resido neste município há quase 10 anos.

## **2. A REPROVAÇÃO EM PONTAL DO PARANÁ**

Pontal do Paraná é um município novo, que surgiu do desmembramento das praias de Paranaguá no litoral do Paraná, ocorrendo a sua emancipação em 20 de dezembro de 1995, através da Lei Estadual nº 11.252.

Por ser um município que vive da pesca e do turismo, Pontal do Paraná está sempre perdendo os filhos da terra, ou seja, o povo está sempre indo e vindo, aventurando-se em outros lugares a procura de uma estabilidade financeira, pois o município não consegue empregar a todos, já que não possui indústrias e o turismo fornece vagas para os ambulantes apenas nos meses de dezembro e janeiro. Com isto estas famílias se dispersam, retornando apenas na alta temporada. Diante destas circunstâncias, os alunos acabam sendo transferidos para outras escolas na metade do ano, num ir e vir que compromete o seu aprendizado.

Diante desta realidade, se pode ter uma noção dos problemas educacionais enfrentados por professores e alunos, visto que, quando a criança está integrada à escola, a mesma é arrebatada por seus pais indo embora e sendo transferida para outra escola, onde passará por um novo período de adaptação.

Apesar de ter seus direitos garantidos na Constituição Federal de 1988, no Estatuto da Criança e do Adolescente datado de 1990 e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), crianças e adolescentes passam por várias mudanças em suas vidas.

Com os dados obtidos na página do IBGE referente ao município de Pontal do Paraná, do ano de sua emancipação até 2010, observa-se uma baixa significativa nas taxas de abandono escolar e distorção de idade-série, entretanto a taxa de reprovação teve aumento em seus índices.

A seguir, apresento uma tabela sobre o desempenho dos alunos das séries iniciais do município de Pontal do Paraná, com dados obtidos na página do IBGE em 10/10/2011

Município de Pontal do Paraná, Ensino Fundamental – anos iniciais.  
População em idade escolar (7-14) anos 2.879

|      | Taxa de<br>distorção<br>idade-série | Taxa de<br>reprovação | Taxa de<br>abandono | Taxa de<br>aprovação |
|------|-------------------------------------|-----------------------|---------------------|----------------------|
| 2010 | 11,9%                               | 7,9%                  | 0,8%                | 91,3%                |
| 2009 | 12,7%                               | 10,0%                 | 0,9%                | 89,1%                |
| 2008 | 12,5%                               | 11,4%                 | 0,7%                | 87,9%                |
| 2007 | 13,9%                               | %                     | %                   | 91,9%                |
| 2006 | %                                   | %                     | %                   | %                    |
| 2005 | 17,7%                               | 14,2%                 | 3,3%                | 81,9%                |
| 2004 | 19,1%                               | 8,0%                  | 1,6%                | 90,4%                |
| 2003 | 14,9%                               | 8,2%                  | 2,4%                | 89,4%                |
| 2002 | 20,4%                               | 14,0%                 | 2,2%                | 83,8%                |
| 2001 | 25,8%                               | 8,6%                  | 17,3%               | 74,1%                |
| 2000 | 25,6%                               | 12,9%                 | 2,4%                | 84,7%                |
| 1999 | 31,3%                               | 10,6%                 | 7,8%                | 81,6%                |
| 1998 | %                                   | 6,5%                  | 1,2%                | 92,3%                |
| 1997 | %                                   | 5,8%                  | 6,2%                | 88,0%                |
|      |                                     |                       |                     |                      |

Dados do IBGE em 10/10/2011

[WWW.todospelaeducacao.org.br](http://WWW.todospelaeducacao.org.br)

Observa-se na tabela a redução no abandono escolar e a distorção série-idade. O que nos chama a atenção é o ano de 2001, com o alto índice do abandono escolar, o que pode ser atribuído a uma mudança governamental, e de alterações nos encaminhamentos, assim como à falta de alguns dados nos anos de 2006 e 2007, os quais não obtivemos informações do por quê.

Com a inclusão no Programa Nacional Bolsa Escola, as famílias se vêem obrigadas a manterem os filhos na escola com uma frequência mínima de 85%, levando os pais a terem maior participação no desenvolvimento escolar do filho, tendo em vista que este também de certa forma está contribuindo para as despesas do lar. Outro motivo que vem a contribuir para a permanência das crianças na escola é a distribuição do material e uniforme escolar, para seus alunos da rede municipal, o que livra as famílias de mais estas despesas. Para continuar no programa uma das condições é a permanência do aluno na escola, vindo assim contribuir para a baixa nas taxas de abandono escolar.

Após ampliar a oferta de vagas no Ensino Fundamental, optou por adotar novas medidas de transferência de renda que incentivassem as matrículas e a permanência na escola. De acordo com a Constituição Federal Brasileira, “é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à educação, ao lazer, à profissionalização...”. Esse princípio está estabelecido no art. 227 da Constituição Brasileira de 1988 e no art. 40 do Estatuto da Criança e do Adolescente, de 1990.

Com todos esses incentivos que acontece com as crianças que entram na escola e não conseguem aprender? O que há de errado? Sabemos que, apesar do aumento significativo do número de vagas nas escolas básicas no Brasil nas últimas décadas, o fracasso escolar continua resistente. O aumento do número de vagas e matrículas não foi acompanhado da permanência e promoção dos alunos nas escolas. Os índices de reprovação no ensino básico no Brasil continuam altos. Embora tais índices tenham diminuído no decorrer dos anos, ainda são elevados e não garantem mudanças significativas com relação à aprendizagem dos alunos.

O que dizer das crianças que não estão incluídas nessas estatísticas porque são promovidas, mas que chegam a 4.<sup>a</sup> série, por exemplo, sem compreender textos mais elaborados? Poderíamos dizer, nesse caso, que, em lugar da divisão entre os

que vão passar e os que vão reprovar, ocorre outra situação: todos passam, mas só alguns aprendem.

Diante dessa situação cabe-nos perguntar qual a função da escola hoje, alfabetizar para passar de ano ou para viver em um mundo cada vez mais complexo? Que escola queremos? Para quem? Com que objetivo? Qual a escola necessária para a vida no mundo contemporâneo?( Mesa-redonda nº 70 – UFRGS)

Tentando responder a essas questões, Delors (1998), no relatório para a Unesco, cita os quatro pilares da educação para este novo século que já iniciamos. São eles:

- Aprender a conhecer: a educação prioriza o domínio dos instrumentos do conhecimento, o aprender a aprender, o aprender ao longo de toda a vida.
- Aprender a fazer: o aprender a fazer é indissociável do aprender a conhecer. Trata-se de saber como pôr em prática o conhecimento. Envolve a qualificação profissional e as competências que tornem a pessoa apta a enfrentar situações e trabalhar em equipe.
- Aprender a viver juntos: a educação permite a descoberta do outro e a participação em projetos comuns, trabalhar a diversidade, tomar consciência da semelhança e interdependência entre os seres humanos do planeta. Deve também desenvolver atitudes de empatia, capacidade de abertura e alteridade, além de promover projetos de cooperação, participação em atividades sociais.
- Aprender a ser: a educação contribui para o desenvolvimento total da pessoa, mente e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade. Deve permitir que o sujeito seja autônomo e crítico e possa formular seus próprios juízos de valor.

Morin (2000), tratando do mesmo tema, afirma que a educação de futuro deveria tratar em toda sociedade e em toda cultura “sete saberes” fundamentais, que descreveremos brevemente:

- As cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão - a educação não pode ser cega quanto ao que é o conhecimento, seus dispositivos, enfermidades, dificuldades, tendências ao erro e à ilusão. Deve conhecer as características cerebrais, mentais e culturais do conhecimento humano.

- Os princípios do conhecimento pertinente - a educação deve promover o conhecimento capaz de apreender problemas globais e fundamentais, para neles inserir os conhecimentos parciais e locais.
- Ensinar a condição humana - o ser humano é ao mesmo tempo físico, psíquico, biológico, cultural, social e histórico. É preciso que cada um tome consciência da unidade e da complexidade de sua identidade humana.
- Ensinar a identidade terrena - o reconhecimento da identidade terrena e o conhecimento dos desenvolvimentos da era planetária devem ser objetos da educação.
- Enfrentar as incertezas - a educação deve ensinar princípios que permitam enfrentar os imprevistos, o inesperado e as incertezas que têm surgido nesses novos tempos, nas ciências físicas, na evolução biológica e nas ciências históricas.
- Ensinar a compreensão - educar para a compreensão mútua entre os seres humanos para que as relações humanas saiam do estado da barbárie e da incompreensão significa educar para a paz.
- A ética do gênero humano - a ética deve formar-se nas mentes com base na consciência de que carregamos uma tripla realidade, o humano é ao mesmo tempo indivíduo, parte da sociedade e parte da espécie. O desenvolvimento verdadeiramente humano deve compreender as autonomias individuais, as participações comunitárias e a consciência de pertencer à espécie humana.

Considerando as afirmações desses dois autores sobre a escola desejada e necessária para este século, é que temos de pensar em uma escola que continue lutando contra as experiências de fracasso, que respeite o direito de todos à aprendizagem, à cidadania e à condição de humano. Essa é a escola dos sonhos, a escola que desejamos e que perseguimos, sem perder a esperança de que ela seja possível.

A escola que pode enfrentar o fracasso escolar prevenindo-o é uma escola voltada para a diversidade, voltada para o respeito ao particular de cada um, voltada à igualdade entre os diferentes; é uma escola cuja participação da comunidade é completamente indispensável, onde pais questionam e repensam sua função educacional junto aos professores; é uma escola que abandona seu

isolamento da comunidade e transforma-se em uma comunidade de aprendizagem, envolvendo a todos: pais, alunos e professores, transformando as relações entre os diferentes atores do fazer educativo; é uma escola que caminha na busca de *uma ruptura paradigmática que substitua os valores de competição e utilitarismo por valores de solidariedade e igualdade.*” (DORNELES, 2000, p. 28)

Segundo Araújo o desempenho escolar depende de diferentes fatores: características da escola (físicas, pedagógicas, qualificação do professor), da família (nível de escolaridade dos pais, presença dos pais e interação dos pais com escola e deveres) e do próprio indivíduo (Araújo, 2002).

Com todos os documentos lidos, concluí que hoje o professor não é apenas convocado para ser um mediador de conhecimentos, Na verdade a sociedade tem esperado que ele possua outros papéis sociais, como de mãe, psicóloga etc, etc ... Esta expectativa é equivocada, pois o professor não pode dar solução a questões sociais mais abrangentes, inclusive prejudicando o seu papel central e a razão de seu trabalho que é responsabilizar-se pelo processo educativo na escola. É evidente que todo cidadão, não apenas o professor, necessita ampliar papéis e responsabilidades sociais, mas não responsabilizar-se por eles, compensando desvios e defasagens históricos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AURÉLIO, **Minidicionário da Língua Portuguesa** :3ª Edição Revista e Ampliada, Editora Nova fronteira,1993
- BOSSA, Nadia A. A **psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394, de 20 de dezembro de 1996.
- Crepaldi Deisi. [www.cidadaniaitaliana-tenhodireito.blogspot.com/feeds/...](http://www.cidadaniaitaliana-tenhodireito.blogspot.com/feeds/...) . Acessado em 27/11/2011 as 11:29 .
- DORNELES, Beatriz Vargas. **As Várias Faces do Caleidoscópio**: Anotações Sobre o Fracasso Escolar. In: Pátio Revista Pedagógica, nº 11, Porto Alegre, Artmed, 2000
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática pedagógica. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- HELLER, Agnes. Para mudar a vida: felicidade, liberdade e democracia. São Paulo: Brasiliense, 2002.
- LIBÂNIO, José Carlos. Organização e **Gestão da Escola- Teoria e Prática**. Goiania: Editora Alternativa, 5ª. Ed. 2004.
- Livros em PDF, <http://libros-en-pdf.com/descargar/maria-helena-souza-patto-4.html>, acessado em 24/11/2011 as 20:25h
- MELLO, Guiomar N. Educação escolar: Paixão, pensamento e prática. São Paulo : Cortez, 1986.
- MORIN, Edgar. Os **Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. São Paulo, Cortez, Brasília, DF, UNESCO, 2000.
- NOVA ESCOLA, **Edição 233**, Junho/Julho 2010. Título original: Um erro que se repete a cada ano.
- O Portal dos Psicólogos ,[WWW.PSICOLOGIA.COM.PT](http://WWW.PSICOLOGIA.COM.PT)
- PATTO, Maria Helena Souz. **A produção do Fracasso Escolar**: Historias de Submissão e Rebeldia, 1987.

PERRENOUD, Philippe. **A Pedagogia na Escola das Diferenças**. Fragmentos de uma Sociologia do Fracasso. Porto Alegre, Artmed, 2001

WALLON: Teoria psicogenética em discussão. 17 ed. São Paulo: Ed. Summus, 1992.

Todos pela Educação, [www.todospelaeducacao.org.br](http://www.todospelaeducacao.org.br)

V construindo uma rede teórica, [www.ced.ufsc.br/anped/errata02.htm](http://www.ced.ufsc.br/anped/errata02.htm)

VASCONCELOS, Celso S. **Planejamento de Ensino-aprendizagem e Projeto Político Pedagógico**. 7 ed. São Paulo: Libertad, 2000.